

**GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
UNEMAT CAMPUS UNIVERSITÁRIO DEP. RENÊ BARBOUR
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA INTERCULTURAL**

WAUNAHÃ JAREL KAMAIURÁ

**PEDAGOGIA KAMAJURÁ: ENSINAMENTOS DA CULTURA
TRADICIONAL PARA CRIANÇAS DE 0 A 10 ANOS NA ALDEIA
MYRENÁ**

**Barra do Bugres
2016**

WAUNAHÃ JAREL KAMAIURÁ

**PEDAGOGIA KAMAJURÁ: ENSINAMENTOS DA CULTURA
TRADICIONAL PARA CRIANÇAS DE 0 A 10 ANOS NA ALDEIA
MYRENÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade do Estado de Mato Grosso-
UNEMAT, *Campus* Universitário Dep. Est.
Renê Barbour, como requisito parcial para
obtenção do título de Graduado em
Licenciatura em Pedagogia Intercultural.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Maria Helena Rodrigues
Paes

**Barra do Bugres
2016**

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

K15p KAMAIURÁ, Waunahã Jarel.

Pedagogia Kamajurá: ensinamentos da cultura tradicional para crianças de 0 a 10 anos na Aldeia Myrená / Waunahã Jarel Kamaiurá. – Barra do Bugres, 2016.

35 f. ; 30 cm. (ilustrações) Il. color. (sim).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Graduação Licenciatura em Pedagogia Intercultural, Faculdade Intercultural Indígena, Câmpus de Barra do Bugres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2016.

Orientadora: Dra. Maria Helena Rodrigues Paes.

1. Pedagogia Indígena. 2. Educação Tradicional. 3. Cultura Kamajurá. I. Paes, M. H. R., Dra. II. Título. III. Título: ensinamentos da cultura tradicional para crianças de 0 a 10 anos na Aldeia Myrená.

CDU 572.9(=81/=82)(817.2)

WAUNAHÃ JAREL KAMAIURÁ

**PEDAGOGIA KAMAJURÁ: ENSINAMENTOS DA CULTURA TRADICIONAL
PARA CRIANÇAS DE 0 A 10 ANOS NA ALDEIA MYRENÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Avaliadora do Curso de Pedagogia Intercultural – UNEMAT, Campus Universitário Dep. Renê Barbour como requisito para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia Intercultural.

Barra do Bugres, 10 de novembro de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Maria Helena Rodrigues Paes
Professora orientadora

Prof. Dr. Neodir Paulo Travessini
Professor Avaliador

Prof. Me. Marcelo Franco Leão
Professora Avaliadora

Prof.^a Dr.^a Maria Helena Rodrigues Paes
Coordenadora do Curso de Pedagogia Intercultural

**Barra do Bugres
2016**

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho ao meu pai Takará Kamajurá, pois foi quem mais me ajudou a narrar o processo de ensinamento da cultura para o povo Kamajurá. Dedico à minha esposa Itsaru Tepori Kamajurá e as minhas filhas, Atahuma Simone Kamajurá, Kujata Patrícia Kamajurá, Ajahuru Taluani Kamajurá, Mapulu Larissa Kamajurá e Manuairú Laisa Kamajurá.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos anciãos por relatarem o processo de ensinamento da cultura do povo *Kamajurá* que resultou nesse trabalho.

Agradeço a minha família pela compreensão pela minha ausência para estudar fora, por alguns meses, na cidade de Barra do Bugres. Agradeço, em especial a minha esposa Itsaru Tepori por incentivar o meu estudo.

A comunidade por estar me dando forças e me dando apoio em relação ao meu estudo.

Agradeço também os professores da UNEMAT (Universidade do Estado de Mato Grosso), Prof. Dr. Adailton, Diretor da Faculdade Intercultural, Prof.^a Dr.^a Maria Helena Paes, Coordenadora do curso de Licenciatura em Pedagogia Intercultural, Prof.^a Dr.^a Monica Cidele da Cruz, Coordenadora do Curso de Licenciaturas, Marcia Gracieli, Secretária da DGEI, e também quero agradecer a “Dona Preta” coordenadora de Logística da Escola Agrícola, que sempre nos atendeu com atenção e carinho.

RESUMO

O povo Kamajurá é habitante tradicional do território que hoje é conhecido como Parque Nacional Indígena do Xingú. A maior parte dos mais de 400 Kamajurá se encontram em territórios na região do Alto Xingú, mas uma parte habita a importante área no Médio Xingú, mais especificamente na aldeia Myrená. Este povo é falante da língua Kamajurá, do tronco Tupi e é um grupo que ainda mantém fortes suas práticas culturais tradicionais, principalmente o uso da língua materna como importante elemento para o fortalecimento da identidade étnica. A educação tradicional entre os Kamajurá, em geral, tem seguido os modos de educar como já faziam seus ancestrais, entretanto, o povo não tem registrado os modos de educar separados por faixa etária das crianças. Assim, este trabalho tem o objetivo de registrar e apresentar de que modo as crianças, de zero a 10 anos, são ensinadas pelos pais e anciões sobre seus costumes e modo de ser Kamajurá. Os dados foram coletados por meio de entrevistas com anciões da aldeia Myrená, que se localiza às margens do Rio Xingú. As entrevistas foram realizadas em língua materna e posteriormente feito o registro na versão em língua portuguesa. Ao final, tem-se registrado os modos de se tornar Kamajurá, bem como as responsabilidades dos familiares e da comunidade nos diferentes tempos de vida da criança. O estudo se revelou muito importante para o povo Kamajurá, já que este é o primeiro trabalho a ser publicado sobre a temática, o que significa que as próximas gerações, qualquer que sejam as condições de vida, terão informações sobre a educação tradicional Kamajurá.

Palavras-chave: Pedagogia Indígena. Cultura Kamajura. Educação Tradicional.

RESUMO NA LÍNGUA MATERNA

Moroneta mojynawet

Kamajurá ywytea ang Parque Nacional do Xingu. Alto Xingu pa nang ko `yt 400 Kamajurá reta, amo ija `okawa retama `ang ko`yt Myrenã, Medio Xingup, Kamajurá ang kot`yt oporere kwama were kowe ijê` engá pype ije`êweawaw, Kamajurá je`enga ´ ang kot`yt Tupia, a`ea katuete `ang ihwãratã jene mojokuap Kamajurám jene rekotawam. Omo`ypy tawera wite ang Kamajurá wa` yyna mo` êw, wa`yna monetaw, nite tyte tyte kunu` umerá kujãtainerera mo` êtawá. Ka` ahera `ang kunu` umet, kujãtaineret, 0 a 10 ikwara ma` eawa mo` etawá tumawá jene porerekwamare here a` ea witewara kwahapawa `ang. Myrená mewat myramena je`enga k arãj tawera, ang. Myrená tawá ang parana reme yj p o` up rio Xingu. Jene je, engá pype ikawe êngi pyrera ang a `erawí kara`iwa je`enga pype ijekarãí. Anga rehe ang korin jakwahap maite kunu`umerá mo` etawá, jakwahap awakaturam ekotawá. Angamo teterane `ang ka`ahera je `awykyw maite Kamajurá wa`yna mo`etawá rehe wará. Ang ka`a herá rehe ang korin okwa hawawá maite kunu`umerá mo`etawá.

Je` engá`ete: kawa`iwajemo`etap, Kamajurá porerekwam, porerekwama rehe jemo `etap.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EJA	Educação de Jovens e Adultos
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
SESAI	Secretaria de Saúde Indígena
UNEMAT	Universidade do Estado de Mato Grosso
PPP	Plano Político Pedagógico
DGEI	Diretoria de Gestão de Educação Indígena

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Distribuição de Aldeias no Parque Nacional do Xingu, destacando a localização da Aldeia Myrená	15
Figura 2 –	Peixe assado e, ao lado, peneira com beiju	17
Figura 3 –	Bancos de madeira em forma de onça	18
Figura 4 –	Luta Huka Huka durante cerimonial do Kwarup	20
Figura 5 –	Casa tradicional na Aldeia Myrená	23

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I – O POVO <i>KAMAYURÁ</i>.....	13
1.1 O Mito de origem do povo <i>Kamajura</i>	13
1.2 Apresentação do povo <i>Kamajurá</i>	14
1.3 Território <i>Kamajura</i>	15
1.4 Práticas culturais importantes para o povo <i>Kamajura</i>	18
1.4.1 Dança <i>Tawyrwana</i>	19
1.4.2 <i>Huka-huka</i>	20
1.4.3 Festa das mulheres	21
1.4.4 Ritual do <i>Kwarup</i>	22
1.5 Caracterização da Aldeia <i>Myrená</i>	22
CAPÍTULO II - ENSINAMENTOS PARA AS CRIANÇAS NA CULTURA TRADICIONAL <i>KAMAJURÁ</i>	25
2.1 Ensinos para crianças de colo	25
2.2 Ensinos para crianças que começam a caminhar	26
2.3 Ensinos para crianças a partir de 05 e 06 anos de idade	27
2.4 Ensinos para meninas	28
2.5 Ensinos para os meninos: fazendo a flecha.....	29
2.6 Ensinos na preparação e durante a pescaria com timbó.....	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
CONSULTORES NATIVOS.....	33

INTRODUÇÃO

O povo *Kamajurá*, que se autodenominam *Apyap*, habita ancestralmente a região do Xingu. Os não índios se habituaram a escrever o nome do povo como *Kamayurá*, mas o certo mesmo é *Kamajurá*. Eu sou Jarel Kamaiurá, moro na aldeia *Myrená*, que fica na região do Médio Xingu e sou professor da Escola Municipal Indígena Sol e Lua.

Atualmente, cerca de 470 *Kamajurá* moram nas três aldeias no Parque Indígena do Xingu: Aldeia *Yapawu*, Aldeia *Myrená* e Aldeia *Jakaré*. A maior aldeia é a *Yapawu*, que fica no Alto Xingú, perto do Polo Leonardo Vilas Boas, que é um lugar que foi construído para dar auxílio aos povos do Alto Xingu, como no atendimento à saúde e outras funções. Só na aldeia *Yapawu* vivem 373 pessoas.

O povo *Kamajurá* é um grupo indígena que ainda pratica muito forte as suas tradições culturais. É falante da língua materna, a língua *Kamajurá*, e pratica todas as suas festas conforme faziam os ancestrais, embora estejam um pouco diferentes na atualidade. Em geral, vivem da caça e da pesca, mas também fazem roça, principalmente de mandioca, porque é dela que se faz o polvilho para fazer o beiju, muito apreciado por nós, *Kamajurá*, principalmente para comer junto com o peixe.

Com o passar dos tempos, o povo *Kamajurá* foi tendo muito contato com os não indígenas e também foi mudando algumas coisas da vida tradicional. Por exemplo, a sobrevivência, agora, além dos peixes, da caça e do beiju, também precisamos de dinheiro para comprar algumas coisas, como os equipamentos para a casa. Muitas casas *kamajurá* têm fogão a gás, televisão, aparelho de som, etc. Também compramos roupas e calçados, principalmente quando nos deslocamos para a cidade. O dinheiro também é importante para comprar o combustível que abastece os barcos, pois para se deslocar da aldeia é somente pelo rio.

Na aldeia *Myrená*, os *Kamajurá* mantêm muitas coisas da rotina tradicional do povo, e educam as crianças para crescerem sabendo de como é ser e se comportar como um *Kamajurá*. Como sou professor e estudei na faculdade sobre o desenvolvimento humano e sobre “educação”, fiquei interessado em pesquisar e escrever sobre como os *Kamajurá* ensinam suas crianças no dia a dia.

Esta pesquisa foi realizada na aldeia *Myrená* com o objetivo de registrar o processo de ensinamento da cultura do povo *Kamajura* para crianças de zero a 10 (dez) anos de idade. O trabalho é importante para refletir sobre a importância do ensinamento das crianças para o povo *Kamajura* valorizando a educação tradicional na continuação desta prática cultural única e milenar.

O povo *Kamajura* atualmente corre o risco de, com o novo mundo moderno, perder as suas práticas da cultura tradicional devido a frequente “instalação” dos conhecimentos tecnológicos ocidentais, como por exemplo, celulares, televisão, jogo de futebol, aparelhos de som. É claro que são vistos de uma forma negativa quando não utilizados adequadamente. Para piorar, dentro da própria comunidade as famílias já estão perdendo as práticas de ensinarem seus filhos a fazerem as práticas culturais. Por este motivo estou muito preocupado com o futuro principalmente das novas gerações. Neste sentido que escolhi esta história de ensinamentos para se ter um registro, se caso um dia precisar recorrermos a este material.

Mas é de suma importância continuar fortalecendo e incentivando as crianças e jovens a praticar as suas culturas originárias. Entrevistei o pajé Kanarim Kamajura de 80 anos de idade, Takará Kamajura de 70 anos de idade e a senhora Mawira Kamajura de 50 anos de idade. No momento da pesquisa os anciões iam falando sobre os seus conhecimentos e eu como um pesquisador registrava no caderno tudo que eles diziam. Lembrando que a pesquisa foi realizada e registrada somente através da escrita e em língua materna, depois que fiz a versão em língua portuguesa. Em seguida fiz a transcrição do relatório digitado, lembrando que as entrevistas foram realizadas na casa destes anciões.

Depois das entrevistas, organizei as informações mais ou menos por idade das crianças. Assim, conforme a idade das crianças os entrevistados iam narrando como era os ensinamentos e, depois, organizei estes ensinamentos conforme a idade das crianças, entre 0 a 10 anos.

A apresentação deste trabalho está organizada em dois capítulos. O Capítulo I, intitulado “O povo *Kamajurá*”, inicia apresentando o Mito de Origem do Povo e, na sequência esclarece sobre diversos aspectos: localização, língua, costumes e práticas culturais, bem como destaca informações sobre a Aldeia *Myrená*, local que foi realizada a pesquisa. O Capítulo II, com o título “Ensinamentos para as crianças na cultura tradicional Kamajurá”, traz os dados coletados junto aos entrevistados e se organiza por faixa etária, desde os ensinamentos para crianças de colo até os ensinamentos direcionados a crianças que se aproximam dos 10 anos de idade. Após os capítulos, apresento minhas considerações finais.

CAPÍTULO I – O POVO KAMAYURÁ

Este capítulo tem o objetivo de apresentar o povo *Kamajurá*, trazendo breves informações sobre seus deslocamentos durante o tempo, sua localização atual, as aldeias em que vivem, bem como esclarece sobre seu modo de vida e suas principais práticas culturais tradicionais. Destaca, em especial, informações sobre a Aldeia *Myrená*, pois foi nesta aldeia que se realizou a pesquisa que aqui é apresentada. O capítulo se inicia com o registro do Mito de Origem do povo *Kamajurá*, narrado pelo ancião Kanarim Kamajurá.

1.1 O Mito de origem do povo *Kamajura*

Para escrever o Mito de Origem do Povo Kamajura, pedi ao sr. Kanarin Kamajurá, que tem 80 anos, para narrar para mim o Mito. Eu escutei, escrevi o que ele estava falando e depois digitei aqui. Ele falou em língua materna, então depois que eu escrevi o que ele falou eu fiz a versão na língua portuguesa para colocar aqui no trabalho. O que está aqui é o jeito que ele narrou o mito para mim.

Existe um lugar chamado Myrená, é onde originou todos os povos Xinguanos. Esse lugar é sagrado, e nele morava Mawutsini, criador do meu povo.

Kamajura é de origem da madeira. O nosso criador do mundo, Mawutsini (espírito sagrado), saiu de casa e foi para aldeia das onças cortar Wiriri para arco del., Wiriri é uma planta que tem fibra que serve para fazer corda de arco. Essa planta pertencia as onças. O Mawutsini chegou no local das plantas perto da aldeia das onças e ele começou tirar wiriri; segunda e na terceira tirada deu uma falha e fez o barulho, ouvindo aquele barulho as onças disseram:

- Tem alguém tirando a nossa corda. Eles pegaram as flechas e foram, um das onças foi mais rápido e chegou primeiro e encontrou Mawutsini apontando a flecha pra ele, Mawutsini falou:

- Não me mate, eu tenho a filha para casar com você. A onça desapontou a flecha e disse:

- Então fogue daqui imediatamente antes dos outros chegarem. O Mawutsini obedeceu o conselho e fugiu e foi embora para aldeia. Logo depois chegaram as outras onças e perguntaram se tinha encontrado alguém que estava tirando a corda de arco, ele diz que não encontrou ninguém. Mesmo assim ficaram desconfiados, procuraram todo lado das plantas e

encontraram nada e voltaram para aldeia. Quando Mawutsini chegou em casa comentou fato que aconteceu com ele:

- Minhas filhas as onças quase me matou.

- Nós sabia que ia acontecer isso.

– O sorte que o primo de vocês chegou primeiro e me viu e queria matar eu, só pra mim aliviar dele ofereci vocês, agora qual de vocês vai casar com ele? As filhas responderam:

- Nenhuma de nós vai casar com ele, senão vai nos devorar. A recusação das filhas levou o Mawutsini a pensar como ia fazer a promessa dele. De tanto de pensar ele teve a ideia de transformar os troncos de madeira em pessoas. Assim o Mawutsini saiu para o mato cortar as madeiras e trouxe para sua casa. Em casa o Mawutsini abriu buracos no chão e colocou os troncos. Depois desse trabalho começou a rezar em torno dos troncos até escurecer.

Ao amanhecer o Mawutsini escutou bem baixinho as conversas das madeiras se transformando em gente. Ele levantou da rede onde estava deitado e foi ver o que estava acontecendo e os troncos realmente tinham se transformado em pessoas. Vendo a transformação viu que as pessoas não tinham cabelo e nem dente. Mawutsini foi buscar cabelo do Tsikaka (Tsikaka é o nome do pássaro que é dono do cabelo), ele trouxe cabelo e colocou nas cabeças. Depois foi procurar os dentes. O Mawutsini trouxe as pedrinhas e colocou depois pediu pra rirem viu que ficou preto e não gostou. Então, ele tirou as sementes da fruta da mangaba, trouxe e colocou nas bocas das pessoas e ficou brancos como dentes e ele gostou.

Depois de tudo isso, Mawutsini pediu para as pessoas rirem e disse:

- Vocês estão lindos, vão viver comigo como minha família.

O Mawutsini ficou feliz de ver o resultado do seu trabalho. Assim se originou o povo Kamajura.

1.2 Apresentação do povo Kamajurá

Segundo o senhor Takara, um ancião do povo Kamajura que tem 70 anos de idade, a palavra Kamajura é um nome na língua materna que significa jirau de madeira. Lembrando que este nome foram os não índios que disseram e que é predominante na atualidade para se referir ao meu povo. O primeiro contato com os não índios foi num momento em que estavam construindo um jirau, então chegaram os ocidentais e perguntaram para um grupo desta etnia o que estavam fazendo. Logo em seguida, responderam que estavam construindo jurá que significa jirau. Como os não índios não entenderam bem a fala e pelo fato do jirau ter uma

aparência de cama, logo pensaram na palavra *kama-jurá*. O nome verdadeiro do povo é *Apyap* que significa “ouvir bem de longe”.

O povo *Kamajura* habita no território da Terra Indígena do Xingu, no estado de Mato Grosso. Nós, os *Kamajura*, somos falantes da língua *Kamajurá*, da família linguística Tupi Guarani.

O *Kamajura* é um povo culturalmente importante no Médio e Alto Xingu, e fazem suas práticas e valorizam a cultura tradicional. Também compartilham com outros povos da região os seus pontos de vista e sua convivência. A aldeia *Myrená* é o lugar também considerado como o centro do mundo para os povos do Alto e Médio Xingu, lugar de origem dos ancestrais, dos nossos criadores.

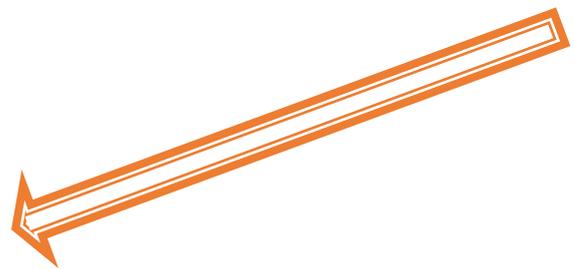
1.3 Território *Kamajura*

Segundo o ancião Kanarim Kamaiura, a primeira aldeia do povo *Kamajura* se localizava na região norte do Xingu, era o lugar chamado *Kurukitsa*. Com o tempo, o povo *Kamajura* resolveu mudar daquele lugar e atualmente esse lugar transformou-se em aldeia Kayabi que é povo *Kawa'iweté*. De lá se mudaram para a região que chamamos de *Yapawu*, que é a palavra na língua que significa, lagoa grande. É nessa região, no Alto Xingú, que fica a atual aldeia. Foi nesse lugar que se fez o primeiro contato com os não índios. Este fato aconteceu por volta do ano de 1884, com o senhor Carlos Von Stein. Segundo os anciões do povo *Kamaiura*, logo após o primeiro contato, nos anos de 1948 aproximadamente, surge um outro contato mais intenso com os irmãos Villas Boas.

O povo *Kamajura* vive em três aldeias no Parque Xingu. A aldeia *Yapawu* se localiza na margem da lagoa chamada *Yapawu*, a oito quilômetros do Posto Indígena conhecido como Polo Leonardo Villas Boas no alto Xingu¹, no município de Gaúcha do Norte-MT. Na aldeia *Yapawu*, moram mais ou menos 373 pessoas. A outra aldeia é chamada de aldeia *Myrená*.

Figura 1 – Distribuição de Aldeias no Parque Nacional do Xingu, destacando a localização da Aldeia Myrená





Fonte: cmexplorer.wordpress.com/expedicao-amazonia/parques-nacionais

A aldeia *Myrená* está localizada na região também chamada de *Myrená*, que é um lugar sagrado na mitologia xinguana do Médio Xingu e Alto Xingu. É também considerado como o centro do mundo para os povos do Alto e Médio Xingú, lugar de origem dos ancestrais, dos nossos criadores. A aldeia *Myrená* se localiza à margem esquerda do rio Xingu, no município de Feliz Natal-MT. Nessa aldeia moram 73 pessoas. A terceira aldeia, chamada de *Jakaré*, fica localizada na região do Jacaré, no município de Querência-MT, onde vivem aproximadamente 25 pessoas.

Segundo o censo populacional da equipe de saúde local, a população geral do povo *Kamajura* soma mais ou menos 470 indivíduos.

Nós, *Kamajura*, vivemos de pesca, consumimos mais peixes do que a caça. Os peixes mais consumidos são: pintado, curvina, matrinhã, tucunaré, pirarara e peixe cachorro. Todos esses são preparados cozidos, moqueados e assados. De vez em quando caçamos os bichos como: caititu, macacos, mutum e paca porque não somos muito acostumados a comer carne. Também tem alguns alimentos que, para nós, não podem faltar; eles são produzidos todo ano pelas famílias *Kamajura*, e são a mandioca e o milho. O principal é a mandioca, porque com ela é feito o polvilho, mingau e beiju.

Figura 2 – Peixe assado e, ao lado, peneira com beiju



Fonte: Maria Helena Paes, 2015

No povo *Kamaiura*, cada família faz e tem as suas próprias roças onde os homens são os principais responsáveis pela produção. Não tem prática de fazer roças da comunidade, mas isso não significa que as pessoas não podem participar dos trabalhos ajudando outras famílias, pois, na colheita dos bens, a distribuição é feita por igual. Na roça são plantados os seguintes produtos alimentícios: mandioca, bananas, batata doce, cana de açúcar, melancia e feijão fava.

A roça tradicional tem os seus principais cuidados que acontecem diariamente para que os insetos, ou até mesmo os animais silvestres, não ataquem a plantação. Se caso os insetos atacarem as plantas utilizamos uma substância (caldo) tradicional retirada da própria mandioca, que é espalhada pelas folhas das plantas. Se o inseto for formiga, esta substância é jogada no buraco da casa da formiga. Se caso o ataque às plantas for de animais silvestres o método mais prático e tradicional é cercar a roça com madeiras. Todos esses cuidados são tomados com todas as práticas tradicionais sem a utilização dos agrotóxicos nas plantações.

Nas aldeias do povo *Kamaiura*, a questão econômica em alguns anos atrás era por meio da venda de artesanatos tradicionais. Atualmente a mesma economia se baseia na questão de empregos. Com o passar do tempo, surgiram oportunidades para o povo *Kamaiura* de estarem inseridos no campo de trabalhos ocidentais, principalmente nos trabalhos como: saúde e educação onde são os próprios indígenas que fazem as suas formas de organização para que estes trabalhos funcionem de acordo com a realidade do próprio povo. Com os empregos advindos destes trabalhos gera uma pequena fonte de renda para uma parte da comunidade e a outra parte que não tem salários vive da venda de artesanatos.

1.4 Práticas culturais importantes para o povo *Kamajura*

As práticas culturais do povo *Kamajura* são muitas, como danças, cantos, roça, alimentos, caça, pesca, artesanatos, etc. Entre os artesanatos que são produzidos, tem as redes de dormir, que são feitas de fibras de buritis e barbante, e são feitas pelas mulheres. Os cocares são feitos de penas de aves, como papagaio, pena de rabo de arara, tucanos e penas de mutum. Quem faz a produção desta arte plumaria são os homens por ser um trabalho somente dos homens. As esteiras são feitas de varetas bem fininhas que são tirados do buriti, depois é trançado com barbante.

Também são feitos arcos e flechas, e eles são de dois tipos: a flecha de ponta e a flecha que não tem ponta. A de ponta é feita para flechar peixe e caça e a sem ponta é usada para brincadeiras e enfeites. Também produzimos os bancos de madeira, que são feitos de vários formatos que representam os animais, como jacaré, onça, arraia, macaco, etc.

Figura 3 – Bancos de madeira em forma de onça



Fonte: Jarel Kamaiurá, 2015

Os *Kamajura* culturalmente vivem praticando as atividades culturais como dança, tocar taquara, dança *tawyrawna*, *huka-huka* (luta corporal) e ritual *kwarup*, considerado como uma festa muito importante para o Alto Xingu. A seguir vou falar um pouco destes rituais da cultura.

1.4.1 Dança *Tawyrawna*

Tawyrawna é uma festa realizada em qualquer dia, conforme agenda da comunidade, e ela não tem época certa para realizar. Quando se faz a festa *tawyrawna* todas as pessoas participam, homens, mulheres e crianças.

A dança é feita em círculo e os cantores ficam dentro do círculo enquanto os dançarinos dançam em volta deles. A dança se inicia de manhã e termina a tarde. Para a realização desta prática cultural, o povo se organiza, principalmente o cacique juntamente com suas lideranças, para decidirem se irão ou não fazer estas danças tradicionais. A escolha é realizada no centro da aldeia somente com esses membros citados acima. Em seguida uma pessoa é escolhida pela

comunidade para ser o dono da festa, daí, então, esta pessoa será responsável por toda a organização da próxima festa. Neste ritual são utilizadas as seguintes artes plumárias: cocar, que é uma arte plumaria utilizada na cabeça; bracelete, usado no antebraço; fio de barbante, que é utilizado nas pernas, braços e barriga. São oferecidos os seguintes alimentos para os convidados da própria comunidade: peixe assado, beiju feito de mandioca, pirão (um tipo de alimento feito com o polvilho da mandioca) pimenta tradicional para temperar os peixes. Também são utilizadas as seguintes bebidas como: mingau (um tipo de bebida tradicional feita com o polvilho da mandioca).

Esta festa tradicional tem a duração de um dia que se inicia a partir das oito horas da manhã e vai até as quatro horas da tarde. Tem a duração de um dia porque não é uma festa de grande proporção, é mais familiar. Quem participa desta festa são somente as famílias que formam o povo *Kamajura*.

1.4.2 *Huka-huka*

A *Huka-Huka* é uma luta corporal que é praticada pelos jovens e crianças. O treinamento acontece no meio da aldeia com a participação dos ex-lutadores, que treinam e orientam os outros mais jovens. A luta geralmente acontece no período da tarde.

Esta prática cultural é realizada em todos os meses do ano, mas não é feita todos os dias. Antes da luta do *Huka-Huka*, que dura uma hora e meia, as pessoas fazem um pequeno teste físico para se aquecerem e daí, sim, começam de verdade a competição. As regras desta prática cultural são: não podem dar socos nos adversários; não puxar os cabelos; não utilizar as pernas para derrubar uns aos outros; não utilizar as unhas compridas porque senão corre o risco de cortes nos corpos.

O vencedor é aquele lutador que derrubar o outro somente utilizando o tronco corporal. Se caso não houver vencedor, os lutadores terão um tempo de descanso e em seguida voltam para terminar a luta. Para participar da luta todos têm direito de lutar, mulheres, crianças e homens, com as mesmas regras.

Figura 4 – Luta Huka Huka durante cerimonial do Kwarup



Fonte: <http://projetokamaiura.blogspot.com.br>

1.4.3 Festa das mulheres

Jamurikumã é uma festa somente das mulheres e tem época certa para realizar no tempo da seca, em geral no mês de agosto para setembro. É uma festa que se faz quando as mulheres se organizam para realizar quando tem alguma coisa das atividades das mulheres. Quando elas se organizam para fazer a limpeza das roças, na época da colheita dos produtos da roça para o cacique. É uma festa que as mulheres cantam de dia e a noite, principalmente à noite. A responsabilidade pela realização da festa tradicional das mulheres são elas próprias, que se organizam com alguma contribuição dos homens. As mulheres é quem decidem qual será o tempo de duração desta festa, e após a decisão se preparam para conseguir todos os produtos que serão utilizados na festa.

Na maioria das vezes a duração da festa sempre é de um mês. Logo então as mulheres e os homens vão para a pescaria onde permanecerão por um período de cinco dias ou até quando conseguiram uma boa quantidade de peixes necessárias para a festa. Também preparam a massa para fazer beiju e outros tipos de alimentação. No retorno da pescaria, três mulheres de muita responsabilidade são indicadas para fazer o convite às outras aldeias ou povos para participarem da festa tradicional das mulheres. As mulheres utilizam como vestimentas tradicionais somente cinto de fibras de buriti na cintura, fio de barbante no joelho, miçanga, colar de concha,

bracelete que são emprestados dos homens. Também é utilizado o cocar, mas este somente para as mulheres que estão na frente ou puxando os cantos e danças.

1.4.4 Ritual do *Kwarup*

O *Kwarup* é um ritual realizado para homenagear uma pessoa morta (ou mais de uma), principalmente uma pessoa de mais influência na comunidade como cacique, lideranças homens e mulheres, que é quando a comunidade fica uma semana de luto. Logo após são liberados para cada um continuar fazendo e realizando os trabalhos coletivos e individuais. Ao completar um mês da morte dessas pessoas a comunidade juntamente com os cacique e lideranças decide fazer a festa tradicional chamada *Kwarup*. Esse ritual não acontece em qualquer mês, tem época certo para realizar. É uma festa que acontece no final do período da seca, e pode acontecer entre os meses de julho a setembro, dependendo do que a comunidade se organizar.

O ritual de encerramento do *Kwarup*, tem a duração de um dia quando se encerra o tempo de tristeza. É quando pode ter a participação de outras etnias. Mas, internamente no povo *Kamajura* a cada dia a comunidade já vai começando algumas danças e cantos diariamente se preparando para o final do período de luto. Este ritual não é realizado por uma comunidade, ele é realizado com a participação de outros povos que tem a mesma cultura. Os povos que fazem e tem esta mesma prática cultural são: *Jawalapiti, Kalapalo, Kuikuro, Mehinaku, Awiti, Matipu, Waura e Nafukua*, por isso esses povos também são convidados para a festa tradicional. Esta prática cultural também envolve luta corporal. Quando um desses povos decide realizar a festa do *Kwarup*, outras etnias dão as suas contribuições para o povo que sediará o ritual, ou seja, funciona como um campeonato de jogo de futebol do não índio. Na luta cada povo se prepara selecionando os homens mais fortes fisicamente para vencerem a competição e, é claro, ser campeões. No encerramento da luta os representantes de cada povo fazem uma dança com uma flauta comprida feita com uma espécie de árvore chamada bambu. Esta prática cultural é um esporte, mas um esporte tradicional e diferenciado, mas, culturalmente não existe rivalidades ou brigas.

1.5 Caracterização da Aldeia *Myrená*

A minha aldeia *Myrená* fica à margem esquerda do rio Xingu, no Médio Xingu, e sua população é de setenta e três pessoas. A aldeia tem a forma de um círculo e as casas construídas

ficam ao redor. As casas são feitas de madeira mais resistente, como a pintaiba e são cobertas de sapé, o teto arredondado vai até no chão. No centro da aldeia fica a casa dos homens, e é lá que os homens se pintam e se preparam para a festa. É também lugar de distribuir comida, fazer reuniões culturais onde somente os homens podem entrar nesta casa, também é o lugar onde são guardados todos os materiais culturais utilizados nas festas tradicionais. As mulheres não podem entrar na casa porque ali existe um ritual sagrado do povo e somente os homens podem ver e tocar neste ser.

Figura 5 – Casa tradicional na Aldeia Myrená



Fonte: Maria Helena Paes, 2015

O pátio da aldeia é um espaço público, onde a comunidade recebe as informações e as pessoas contam os acontecimentos do dia, discutem e combinam a preparação da festa, da pescaria, do plantio e outras atividades.

Na aldeia funciona a Escola Municipal Indígena Sol e Lua, e tem 21 (vinte e um) alunos. Há turmas multisseriadas porque o trabalho na escola é organizado em ciclos humanos, e a escola oferece turma até ao 5^a ano. A escola da aldeia é municipal, atendida pelo município de Feliz Natal-MT. A escola é construída com materiais de alvenaria, sendo somente uma sala de aula. Os períodos de funcionamento das aulas são no período matutino e vespertino onde estudam somente as crianças ou alunos da própria aldeia. A escola atualmente tem um único professor que trabalha tanto no período da manhã quanto no período da tarde. O professor está finalizando seu curso de faculdade do curso de Pedagogia Intercultural, que sou eu mesmo o professor.

Uma atividade importante que desenvolvo junto com os alunos e a comunidade são atividades de limpeza da aldeia e de plantio da roça. Também temos o projeto Tracajá. Esse projeto iniciou no ano de 2004 e todo ano os alunos junto com as pessoas da comunidade, e às vezes o Cacique, vão marcar covas, enumerá-las para depois quando os tracajás começam a sair do ovo, os alunos trazem para a aldeia em um pequeno laboratório para cuidarem deles, depois de três dias eles são soltos no rio. A ideia do projeto é aumentar a população de tracajá. O projeto tem apoio da Petrobrás e do laboratório da EMBRAPA.

Depois de explicar um pouco sobre a vida dos *Kamajurá* e contar mais detalhes da Aldeia *Myrená*, a seguir, vou apresentar o que colhi de informações sobre como os *Kamajura* ensinam suas crianças até os 10 anos de idade.

CAPÍTULO II - ENSINAMENTOS PARA AS CRIANÇAS NA CULTURA TRADICIONAL KAMAJURÁ

Neste capítulo vou apresentar, mais especificamente, os dados que coletei com os entrevistados sobre como os *Kamajurá* ensinam as crianças as formas que devem se comportar para se tornar um adulto de respeito. As informações sobre os ensinamentos estão organizadas desde a idade que elas ainda são de colo até dados de ensinamentos para as crianças com dez anos de idade.

2.1 Ensinaamentos para crianças de colo

Para as crianças a partir de 06 (seis) meses de vida, que consideramos crianças de colo, são ensinados primeiramente as palavras básicas da língua materna Kamajura como: *ama* (mãe), *apa* (pai), *utu* (avó), *tamyj* (avô), *ihip* (mingau) *a`am* (peixe), *memem* (beiju). Pois é nesta fase de vida que as crianças começam a entender os gestos de seus pais. Consideramos seus primeiros gestos de aprendizagem a partir de seis meses de vida quando elas correspondem às comunicações dos pais.

Geralmente os pais ao perceberem que os filhos já conseguem ou demonstram sinais de aprendizado, principalmente por meio de curiosidades, imitações, gestos entre outros, na verdade os pais aproveitam a situação para falarem algumas palavras mais simples para as crianças. Dessa forma, aos poucos elas vão se acostumando e desenvolvendo as suas próprias descobertas de comunicação mesmo ainda sem ter conhecimento completo da coisa que estão falando.

Ao completarem 01 (um) ano de idade, as crianças já têm condições de compreender o significado de determinados alimentos. Nesta fase as crianças também já têm uma compreensão maior das palavras, letras, e conseguem segurar alguns alimentos e utensílios mais simples e leves. Para as práticas culturais, as crianças conseguem já uma noção a partir dos 03 (três) anos de idade. Nesta fase já tem uma compreensão dos cantos, danças, ou seja, já começam a praticarem por meio de imitações algo mais aprofundado da cultura tradicional.

Ensinamos também, ou seja, imitamos alguns sons de animais, como por exemplo, os pais das crianças imitam os sons da onça para provocar medo nas crianças, e também fazer outros sons para o divertimento das crianças. Uma das práticas adotadas pelos pais é de dizerem para os filhos através de pequenas historinhas sobre os cuidados na mata, ou até mesmo para as

crianças não fazerem bagunça, brigarem e andar sozinhos. Pois a onça é um animal muito bravo que gosta de comer carne de qualquer animal, além de ser um animal que não tem medo.

Nesta fase também os pais das crianças ensinam as formas de como a criança pode se alimentar com pequenas partes ou porções da alimentação. Como tomar mingau na cuia, comer beiju com pedaços de peixes. A criança aprende com os pais fazendo sinais que imitam o comportamento que elas precisam ter através da ajuda dos próprios pais dando os alimentos na boca das crianças. Os incentivos mais apropriados para as crianças nesta fase é de primeiramente os próprios pais fazerem e preparem toda a alimentação das crianças. Após isso vão ensinando as crianças a pegarem nos alimentos e colocarem em suas bocas, principalmente quando a alimentação é peixe, pois isso exigirá mais atenção e cuidados.

2.2 Ensinaamentos para crianças que começam a caminhar

Quando as crianças começam a caminhar, isso a partir de 11 (onze) meses ou um ano de idade os pais colocam pequenos brinquedos na frente das crianças para que elas possam adquirir com rapidez a prática de caminhar. Também dizem o nome destes brinquedos na língua materna para ver se as crianças já conseguem decifrar estes objetos. Alguns destes objetos utilizados na brincadeira são: *y`api* (cuia), *kamity* (chocalho).

Os pais também ensinam as crianças a conhecer o ambiente da aldeia por meio de diálogos, dando exemplos na teoria e prática. A prática nesta fase ainda não acontece, mais precisamente o que acontece é através de observação, acompanhamentos quando os pais vão explicando cada situação existente no ambiente onde vivem. Ensinam os cuidados com o meio ambiente, como não jogar lixo no pátio da aldeia e na natureza, e também cuidados com o fogo mostrando o real, na prática: como se ascende, quais materiais não podem ser utilizados porque podem causar incêndio, etc.

Os pais sempre levam seus filhos para o rio tomar banho, ali ensinam como se faz o mergulho segurando-as no braço e empurrando-os para uma pequena profundidade do rio. Para aprenderem a nadar, os pais seguram na cintura das crianças empurrando-as sem soltar até que elas adquiram uma pequena quantidade de conhecimento e técnicas de nado.

Ensinam também sobre coisas da roça e levam os filhos para a roça tradicional para colher mandioca. Nestas situações os pais vão contando as histórias da cosmologia da cultura, como por exemplo, as histórias mitológicas do povo, origem dos alimentos, os segredos culturais que as vezes somente os homens podem conhecer e também as histórias ensinam como

se prevenir acidentes. Na roça aprendem sobre como trabalhar na roça: as crianças brincam de derrubar árvores, plantar as sementes, cavando terra para o plantio.

Nesta fase de vida, as crianças já começam a acompanhar os gestos dos pais e vão fazendo imitações destes gestos, assim, acreditamos ser seus aprendizados.

2.3 Ensinamentos para crianças a partir de 05 e 06 anos de idade

Quando a criança completa 05 (cinco) ou 06 (seis) anos de idade recebe dois tipos de conhecimentos. O primeiro é a orientação, de forma que os pais e os avós orientam as crianças para respeitarem os valores da própria família e cultura, respeitar os mais velhos, contribuir com os trabalhos da aldeia, viver em sociedade, manter a organização social ensinando as crianças no dia a dia da aldeia através de diálogos. Segundo os anciões da aldeia existem mitos para as crianças que são aprendidos oralmente com as pessoas mais velhas (experiente) que na maioria das vezes são os avós e pais.

Segundo a mitologia Kamajura os mitos não podem ser contados diariamente porque senão elas, as crianças, ficarão preguiçosas. Por isso o conto mitológico acontece uma vez por semana, quando os pais têm o hábito de contar pequenas histórias da cultura para os filhos. Este trabalho cultural acontece duas vezes por semana, de acordo com o tempo e a disposição do narrador, principalmente dos anciões. Dependendo de cada história, leva aproximadamente uma hora ou uma hora e meia a narrativa dos contos para as crianças.

Nesta idade as crianças não podem ir sozinhas no rio tomar banho senão elas podem ser devoradas pelos bichos como: jacaré, sucuri, entre outros. Às crianças não é permitido irem sozinhas na casa dos vizinhos próximos por dois motivos: o primeiro motivo é que as crianças serão alimentadas pelo *teweku*, que é um tipo de alimentação misturada com feitiço que pode causar o crescimento anormal da barriga das crianças. O segundo motivo é de as crianças serem rezadas² pelos mais velhos, isso impedira os seus crescimentos. Assim, as crianças vão entendendo e aprendendo o que devem ou não fazer. Geralmente este processo é mais através de orientação, pois não se pode revelar este tipo de alimento o que acontece todos os dias no amanhecer do dia e ao anoitecer. Essas orientações se fazem mais durante as noites antes de dormir e ao amanhecer do dia, cada família acorda seus filhos para ouvirem seus conselhos educacionais o que geralmente é uma tarefa cotidiana com todas as crianças. Nessa fase as

² Este termo significa que alguém possa desejar mal à criança.

crianças também recebem ensinamentos na prática, que se divide os ensinamentos para meninos e meninas.

Os homens são responsáveis para ensinar os meninos, as mulheres para ensinar as meninas. Sempre que vamos para a roça tradicional fazer o plantio, levamos os nossos filhos para eles conhecerem as técnicas de como fazer as covas para plantar mandioca, milho, arroz, feijão e também como capinar a roça. Na aldeia os pais ensinam as técnicas de confecção de artesanatos, arco e flecha entre outras práticas culturais do povo.

2.4 Ensinamentos para meninas

As mulheres ensinam as meninas levando-as para a roça para colher mandioca. Levam consigo uma cavadeira pequena de madeira para aprenderem a cavar as mandiocas sem que elas saiam todas quebradas. Na oca as mães ensinam para suas filhas as técnicas de descascarem as mandiocas. Primeiramente as mães das meninas mostram para elas como fazer para descascar a mandioca. Depois vão pedindo para a menina ir fazendo devagarzinho os movimentos para descascar e ajudam a menina a segurar a faca e ir descascando devagarzinho a mandioca até que a menina segure sozinha a faca e descasque sozinha a mandioca. Assim também vão ensinando como a menina deve fazer para ralar a mandioca: primeiro as meninas acompanham a mãe fazendo e depois a mãe vai ajudando a menina a fazer os movimentos para ralar a mandioca. Após ter uma quantidade de massa ralada, pegam uma pequena quantidade e colocam na panela de barro, acrescentam um pouco de água e colocam a esteira pequena sobre a panela. A mãe coloca a massa na esteira e vai torcendo para que as substâncias sejam tiradas da massa de mandioca.

As mães também ensinam a fazer os beijus ou mingau. Primeiramente fazem fogueiras embaixo de uma chapa de cerâmica que vai aquecendo. Enquanto isso as mães vão explicando outras técnicas de como fazer a retirada dos polvilhos da massa e peneirando na esteira grande. Logo após coloca o polvilho na chapa da cerâmica que também vai se transformando em beiju de polvilho. Da mesma forma é para fazer o mingau, só que esse é bem torrado. As mães também ensinam suas filhas a fazerem as redes de dormir, fazer esteiras, fiar as fibras de palhas de buritis. As meninas sempre estão perto de suas mães e observando tudo que a mãe faz, porque é um jeito de aprender como fazer as coisas. Depois as meninas vão fazendo devagarzinho, com acompanhamento da mãe até aprenderem a fazer sozinhas direitinho. Tudo isso é ensinado para as meninas.

As avós também são responsáveis pelo ensinamento das meninas. Conforme o crescimento das meninas elas vão adquirindo as técnicas e práticas de todos os trabalhos. No dia da festa tradicional todas as pessoas se pintam. Para pintar as crianças elas são divididas e a responsabilidade fica com os pais onde utilizam a tinta do urucum. Logo após são ensinadas a utilizar os enfeites em toda parte do corpo. Enquanto as mães ou as avós pintam as meninas elas vão falando o significado das pinturas e os significados das cores que estão usando, como por exemplo, urucum bem vermelho é usado por homens e urucum meio amarelado é usado pelas mulheres. Da mesma forma as mães fazem este trabalho de preparar as suas filhas, pintando os corpos com urucum meio amarelado, que é utilizado somente para as mulheres. Produzem cinta feita com fibras de palhas de buritis que é usada nas cinturas das mulheres e fios de algodão nos joelhos. Na testa das mulheres são utilizadas uma pequena quantidade de urucum. Nesta fase as meninas ainda não aprendem fazer os enfeites só as mães que fazem, as filhas ficam perto das mães olhando elas fazendo os enfeites.

Após se enfeitarem os pais levam os seus filhos até o pátio da aldeia para ensinarem as técnicas e práticas de danças. As crianças aprendem as danças olhando as pessoas dançando, geralmente quem ensina são os pais e os avós das crianças. Durante as apresentações as crianças ficam na observação e conseqüentemente aprenderão todos os passos da dança e modos dos cantos.

Quando as crianças alcançam a idade entre 09 (nove) e 10 (dez) anos de idade continuam recebendo as mesmas orientações, mas de uma forma mais rígida porque nesta fase já tem uma compreensão maior do universo tradicional cultural quanto do universo ocidental. Nesta fase as crianças já sabem fazer algumas coisas da cultura, como por exemplo os meninos sabem fazer arcos e flechas sozinhos e os pais acompanham tudo, ficando ao lado dos filhos, olhando e falando as técnicas. Também nesta fase as crianças recebem as orientações fortes, quando os pais falam duro com seus filhos para não saírem muito brincando.

2.5 Ensinaamentos para os meninos: fazendo a flecha

É muito importante para os meninos aprenderem a fazer as flechas, por isso vou explicar aqui como o pai vai ensinando o menino nesta tarefa. Existem dois tipos de flecha na cultura Kamajura. Uma tem as pontas que servem para matar peixe e a outra com ponta de cera que serve para a caça de outros animais. A mesma flecha que tem os tamanhos diferentes, uma mais fina e pequena e a outra grossa e maior. A mais fina é somente para os meninos em aprendizado,

assim com este material os pais vão ensinando os processos de como se faz caças com a flecha. O pai pega a flecha e corta colocando as penas e barbantes segurando-as no barbante e ao mesmo tempo já mostrando para os filhos como acontece este processo. Neste momento, o aconselhamento dos pais é que os filhos tenham em suas mãos os seus próprios materiais, ou seja, a flecha para adquirirem a prática com mais rapidez.

Para ensinar os filhos a usar a flecha, os pais colocam cabaças no chão e faz a prática de flechar ensinando os meninos como pegar a flecha, como mirar a cabaça e como deve segurar o arco e a flecha até soltar na direção do alvo. No dia seguinte os pais preparam a palha de buriti em formato de peixe, este material é colocado na ponta de uma vara e os meninos vão flechando com o acompanhamento dos pais. Os responsáveis por estes ensinamentos são anciões com mais experiência de fazer as práticas de flechas.

2.6 Ensinaamentos na preparação e durante a pescaria com timbó

Na época da pescaria com timbó cada família prepara suas alimentações (beiju, mingau, pimenta) e também material de pescas (arcos, flechas, lanças e jequi). Quando chega o dia da pescaria todos ou quase todas as pessoas da aldeia vão para esta prática cultural. Ao chegarem no acampamento fazem as armações das redes de dormir. Logo após os homens saem para a coleta do timbó e levam até o local onde irão realizar o trabalho para pegarem os peixes. Enquanto os adultos fazem seus trabalhos as crianças somente irão flechar os peixes, é claro, também acompanham todo o trabalho através de observações e algumas vezes contribuindo com as tarefas mais simples e leves.

As mulheres ficam na responsabilidade de prepararem os alimentos, pegarem lenhas para fazer fogo enquanto as crianças menores permanecem no acampamento. De madrugada os homens cercam a entrada dos peixes fazendo as armações dos jequis, armadilhas que prendem os peixes. Ao clarear do dia, o chefe responsável pela pescaria pede para todos os homens juntarem os timbós e o pajé fazer uma reza tradicional para conseguirem pegar os peixes. Após esta reza, os homens jogam o timbó na água e vão socando para que este timbó solte suas substâncias que vão fazer efeitos colaterais na água e conseqüentemente os peixes beberão e ficarão tontos. Após este processo primeiramente são os meninos que vão fazer as flechadas nos peixes para adquirir com rapidez as práticas de pescaria com a flecha. Nesta pescaria com timbó não é permitida as pessoas fazerem relações sexuais porque senão, segundo a cultura

Kamajura, isso prejudicava o efeito do timbó, assim os peixes acabam não morrendo. Assim é a regra da pescaria com timbó.

Na pescaria é mais um momento de aprendizagem das crianças, porque os meninos aprendem as práticas da pescaria com timbó e vão flechando os peixes que ficam boiando na água. Os anciãos ensinam as técnicas de pontaria da flecha, fazendo devagar os movimentos e pedindo para repetir até que o menino saiba fazer a pontaria. Também fazem os trabalhos que os adultos pedem e sabem que eles conseguem fazer e assim aprendem a trabalhar como adultos. Os meninos aprendem olhando o trabalho dos adultos. As meninas vão acompanhando as mães em tudo que elas fazem, desde arrumar as coisas no acampamento, preparar os peixes e preparar toda a comida. De vez em quando as mães pedem que as meninas façam alguma coisa que a mãe sabe que ela já consegue, por exemplo, preparar o peixe e o beiju. Assim as meninas aprendem os trabalhos das mulheres.

É assim que as crianças Kamajurá aprendem a fazer as coisas que são comuns na nossa cultura. Aprendem devagar, aos poucos, uma coisa por vez e sempre com o acompanhamento dos mais velhos e estes têm muita paciência para ensinar e esperar quando a criança vai estar pronta para fazer a tarefa sozinha.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho possibilitou muitos conhecimentos e aprendizados sobre o povo *Kamajura* que já estavam sendo esquecidos. Nos dias atuais, existem crianças e jovens que não conseguem realizar as atividades da cultura desde o início de suas vidas como se fazia há alguns anos atrás. Apesar de que ainda temos os nossos aspectos culturais muito fortes, estamos deixando a desejar porque muitas coisas já estamos deixando de realizá-las. Como por exemplo, as caçadas com arco e flecha atualmente está sendo substituída pela arma de fogo; a confecção do jequi (armadilha para pegar os peixes) que é substituída pela rede de pesca do não índio. Isso acontece por causa da entrada de novas tecnologias já existentes na aldeia.

É preciso que a criança desde cedo, ainda bem criança, aprenda como ser um *Kamajura* e ter orgulho de seus costumes. Segundo os anciões entrevistados, a educação tradicional do povo *Kamajura* se faz dentro de casa, e cada família é responsável pela educação de seus filhos através de orientações e diálogos para que eles se tornem pessoas conhecedoras e obedientes, só que nestes tempos de agora, tem algumas famílias que já não faz mais os ensinamentos das suas crianças como se fazia antigamente. A nossa população está cada vez mais aumentando e a preocupação é de que as crianças não sejam ensinadas pelos pais sobre as práticas culturais.

Acredito que esta pesquisa contribuirá com o fortalecimento da cultura tradicional e será um incentivo para as pessoas da comunidade para se conscientizarem da importância da prática das atividades da cultura tradicional. Acho que este trabalho, que vai ficar na escola também, poderá incentivar os alunos a valorizar a educação da família Kamajurá e valorizar os ensinamentos dos mais velhos sobretudo o que é tradicional na cultura Kamajurá.

Atualmente com o crescimento da população e a introdução dos meios tecnológicos na comunidade acabam fazendo com que as crianças, e adultos também, fiquem desinteressados pelas realizações da cultura Kamajurá nas suas práticas tradicionais.

Mas, acredito que mesmo com as influências externas, ainda é possível continuar lutando e trabalhando para que pelo menos estejamos preparados culturalmente ao incluirmos na nossa rotina as coisas da sociedade ocidental, sem desvalorizar as práticas da cultura Kamajurá.

CONSULTORES NATIVOS

Kanarin Kamajurá, 80 anos

Takara Kamajurá, pajé de 70 anos

Mawirá Kamajurá, de 50 anos